

FLORA LENHOSA DE UMA MATA SERRANA SEMIDECÍDUA
EM JATAÚBA, PERNAMBUCO

Flávia de Barros Prado Moura

Setor de Ecologia, MHN, Universidade Federal de Alagoas, Rua Aristeu de Andrade, 452, 57021-090 Maceió, AL, Brasil.

Everardo V. S. B. Sampaio

Departamento de Energia Nuclear, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Professor Luís Freire, 1000, 50740-540, Recife, PE, Brasil.

ABSTRACT

Flora of a semideciduous montane forest at Jataúba, Pernambuco. A survey of the wood plants in a semideciduous montane forest, at Jataúba, Pernambuco, Brazil, was carried out. The floristic list was compared with those of another 14 montane forests in Northeast Brazil and with those of Atlantic and Amazonian forest, caatinga and cerrado. A total of 109 species were found at Jataúba but 43 were not identified to the species level. Nine species were not included in floristic lists of the other northeastern montane forests or those of any other formation. Forty four species had been recorded in other montane forests and only 15 of them had not been recorded in the other formations. Similarity with any single montane forests was low, with a maximum of 20 species in common with Jataúba. Similarity with the Atlantic forest (30 species in common) was greater than with the surrounding caatinga, which had less species in common (19) than cerrado (23 species), although there are no neighboring cerrado areas. Similarity with Amazonian forests was low and all 5 species in common were also present in the Atlantic forest. Families with greatest number of species were Myrtaceae (12), Mimosaceae (7), Bignoniaceae, Caesalpinaceae and Euphorbiaceae (6), Fabaceae, Rutaceae, Sapindaceae and Verbenaceae (4).

Keywords: Upland forest, semideciduous, floristic composition, northeast Brazil.

Descritores: Mata serrana, semidecídua, composição florística, nordeste do Brasil.

INTRODUÇÃO

No nordeste brasileiro, o termo "brejo" é usado para designar as manchas úmidas situadas no Agreste e no Sertão, em altitudes nunca inferiores a 500 m e em níveis maiores na direção sudeste-noroeste (ANDRADE-LIMA, 1982). A existência de tais formações úmidas deve-se a caracteres morfológicos que conferem a essas áreas altitudes suficientes para interceptar o fluxo dos alísios "refrescados" do Sudeste, restaurando seu potencial de condensação (ANDRADE-LIMA, 1964).

Para VASCONCELOS SOBRINHO (1971), o termo brejo refere-se aos acidentes orográficos que, por sua elevação acentuada, incidência de correntes atmosféricas úmidas e natureza do solo, condicionam uma vegetação predominantemente mais higrofila que a das áreas circunvizinhas. Essa vegetação que recobre o acidente orográfico o autor denominou de mata serrana.

ANDRADE-LIMA (1960a) diferenciou dois tipos de formação florestal no Agreste: as emissões do maciço da floresta perenifólia costeira e as manchas úmidas isoladas. Enquanto nas primeiras não existe descontinuidade com a floresta costeira ou há uma descontinuidade recente, provavelmente provocada pela ação antrópica, as segundas áreas constituem blocos isolados de vegetação perene ou subperenifólia com fisionomia e composição diversas.

As florestas úmidas existentes nos brejos têm sido incluídas como um dos tipos de formação da Mata Atlântica, tal como as matas de encostas, as matas de planícies, as matas de altitude e as matas de tabuleiros (PEIXOTO, 1991-1992). Cada uma dessas formações se distingue das demais, tanto em fisionomia quanto composição florística.

A origem de áreas florestais ilhadas naturalmente dentro dos domínios vegetacionais das caatingas tem sido discutida por diversos autores. Para BIGARELLA *et al.* (1975), ANDRADE-LIMA (1982) e AB'SABER (1988), os brejos constituem refúgios de espécies de plantas e animais, hoje isolados devido à desintegração da tropicalidade, estando relacionados com as flutuações climáticas quaternárias, constituindo parte residual do manto florestal que recobriu todo o espaço que hoje os engloba e testemunhando a maior penetração das florestas úmidas para o interior do continente.

Embora tenham sido objeto de diversos estudos sobre seu ambiente físico e ocupação humana (ANDRADE e LINS, 1964; VASCONCELOS SOBRINHO, 1971; WEBB, 1979; SILVA e CAVALCANTI, 1988), os brejos nordestinos carecem de estudos sobre sua vegetação e flora. A comparação das listas florísticas dos trabalhos disponíveis sobre brejos (ANDRADE-LIMA, 1960a; LYRA, 1982; MAYO e FEVEREIRO, 1982; FIGUEIREDO e BARBOSA, 1990; PEREIRA *et al.*, 1993; FERREIRA e BATISTA, 1990; OLIVEIRA, 1994; CORREIA, 1996; FERRAZ *et al.*, 1998; SALES *et al.*, 1998), permite estimar que a riqueza florística nestas formações é alta. Entretanto, o pequeno número de trabalhos e a alta proporção de espécies identificadas de forma incompleta em algumas delas, têm dificultado estudos comparativos. Os dados existentes têm apontado para a necessidade de um maior número de estudos das matas serranas do Nordeste, com continuidade nas coletas e maiores esforços na identificação do material botânico.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o conhecimento florístico dos brejos nordestinos, a partir do levantamento das espécies de uma mata serrana e da comparação de sua flora com a de outras matas serranas no Nordeste e com as de outras áreas de mata atlântica, de caatinga, de cerrado e de floresta amazônica.

MATERIAL E MÉTODOS

A mata serrana de Jataúba constitui um remanescente de floresta semidecídua com aproximadamente 200 hectares, localizada na fazenda Balame, Sudoeste do município de Jataúba (8°10' W e 36°40' S), numa altitude que varia de 1020 a 1120 m. O clima é caracterizado por uma estação seca, que vai de agosto a dezembro, e uma estação com maior incidência de chuvas, de

janeiro a julho. A precipitação total anual é baixa, com média de 764 mm, sendo março o mês mais chuvoso (128 mm) e outubro, o mais seco (10 mm). A temperatura média mensal mais alta é encontrada no mês de janeiro (21,7°C) e a mais baixa em agosto (17,4°C). Os dados de precipitação são reais e obtidos para o período de 23 anos (1963 a 1985), enquanto que os dados de temperatura foram estimados e fornecidos pela Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA).

De março de 1995 a junho de 1996, foram realizadas excursões mensais à área, coletando-se o material fértil de todas as espécies lenhosas. O material foi processado e identificado a partir de consulta à bibliografia especializada, comparação com material de herbário e consulta a especialistas, e está depositado nos herbários da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, da IPA, da Universidade Federal de Alagoas e do Instituto do Meio Ambiente de Alagoas.

A lista florística de Jataúba foi comparada com a lista organizada com os dados disponíveis da flora de outras matas serranas do NE, que incluíram dados de matas de 14 municípios, sendo 11 em Pernambuco (Bezerros, Bonito, Brejo da Madre de Deus, Buique, Caruaru, Floresta, Guaranhuns, Pesqueira, São Vicente Ferrer, Taquaritinga do Norte e Triunfo), 1 na Paraíba (Areia), 1 em Alagoas (Quebrangulo) e 1 no Ceará (Baturité) e que abrangiam "checklists" de herbários, monografias, dissertações e teses (ANDRADE-LIMA, 1960a; LYRA, 1982; MAYO e FEVEREIRO, 1982; FERREIRA e BATISTA, 1990; FIGUEIREDO e BARBOSA, 1990; PEREIRA *et al.*, 1993; OLIVEIRA, 1994; CORREIA, 1996; FERRAZ *et al.*, 1998; SALES *et al.*, 1998). A lista de Jataúba também foi comparada com as listas de alguns trabalhos da mata atlântica costeira e da mata mesófila semidecídua, do Nordeste e de outras regiões do Brasil (SILVA e LEITÃO FILHO, 1982; CAVASSAN *et al.*, 1984; PAGANO *et al.*, 1987; GUEDES, 1992; KOTCHETKOFF-HENRIQUES e JOLY, 1994; SIQUEIRA, 1994; BARBOSA, 1996; BARBOSA *et al.*, 1996), de caatinga e carrasco nordestinos (GOMES, 1979; RODAL, 1984, 1992; ARAÚJO, 1992; OLIVEIRA *et al.*, 1997), de cerrado (CASTRO, 1994) e da floresta amazônica (SALOMÃO e LISBOA, 1988; SILVA e ROSA, 1989; CAMPBELL *et al.*, 1992; RANKIN-DE-MÉRONA *et al.*, 1992). As espécies de Jataúba sem identificações confirmadas constam da lista florística mas foram excluídas da comparação com as listas de outros trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletadas 109 espécies lenhosas, pertencendo a 71 gêneros e 41 famílias (Tab. 1). Três espécies, das quais foi coletado apenas material estéril, não foram identificadas a nível de família, 12 foram identificadas apenas até família, 23 só até gênero e 5 ficaram com a identificação a confirmar. Sem dúvida, a identificação da flora nordestina ainda é muito problemática e as listas florísticas têm ficado com uma proporção alta de plantas sem identificação completa, apesar das demoradas consultas a especialistas e aos grandes herbários nacionais e internacionais. A família Myrtaceae apresentou o maior número de espécies (12), seguida por Mimosaceae (7), Bignoniaceae,

Euphorbiaceae e Caesalpiniaceae (6) e por Fabaceae, Verbenaceae, Rutaceae, Rubiaceae e Sapindaceae (4). As cinco famílias com maiores números de espécies contribuíram com 35% do total de espécies.

As matas serranas têm sido classificadas como vegetação perenifólia ou subperenifólia (ANDRADE-LIMA, 1960a, c). A vegetação da área estudada, entretanto, apresentou um índice de caducifolia bastante elevado, que atingiu até cerca de 30% dos indivíduos, podendo ser considerada como semidecídua (MOURA, 1997). As condições físicas diversificadas podem provocar diferenças não só na fisionomia da vegetação, como na flora. Nove espécies das 66 comparadas (14%) não foram incluídas em nenhuma das listas revisadas de outras matas serranas, mata atlântica e amazônica, cerrado, caatinga e carrasco. Quatro delas (*Myrcia alagoensis*, *Ouratea subscandens*, *Polygala albicans* e *Allophylus laevigatus*) constam no "checklist" de plantas do Nordeste (BARBOSA *et al.*, 1996), com citações apenas de Martius ou Ducke.

TABELA 1 – Espécies lenhosas coletadas na mata de Jataúba, e suas ocorrências (X) em outras matas serranas nordestinas (MS), mata atlântica ou semi-decídua brasileira (MA), floresta amazônica (AM), caatinga (CA), cerrado (CE). Inclui espécies não comparadas com outros ecossistemas por falta de determinação em nível de espécie.

Família	Espécie	MS	MA	AM	CA	CE
Apocynaceae	<i>Aspidosperma multiflorum</i> A. DC.					X
	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	X	X			
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea coralina</i> (Jacq.) Sandwith	X				X
	<i>Doxantha unguis-cati</i> L.					
	<i>Melloa quadnivalvis</i> (Jacq.) A. Gentry					
	<i>Tabebuia cf. impetiginosa</i> (Mart. ex DC) Standl.					
	<i>Jacaranda</i> sp.					
Bombacaceae	<i>Mansoa</i> sp.					
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K. Schum.	X	X		X	
Boraginaceae	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Cambess) A. Robyns				X	X
	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.	X	X	X		X
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud	X	X		X	
Cactaceae	<i>Tournefortia</i> sp.					
	<i>Pereskia aculeata</i> (Plum.) Mill.	X				
Caesalpiniaceae	<i>Brasilopuntia brasiliensis</i> (Willd.) A. Berger	X				
	<i>Pilosocereus gounellei</i> Weber				X	
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	X	X		X	X
	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) ex DC.	X			X	
	<i>Cassia leichiosperma</i> Benth.					

TABELA 1 – Continuação.

Família	Espécie	MS	MA	AM	CA	CE
	<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Barneby	X	X		X	X
	<i>Cassia</i> sp.					
	<i>Senna spectabilis</i> (DC.) Irwin & Barneby					
	var. <i>excelsa</i> (Schrad.) Irwin & Barneby	X	X		X	X
Capparaceae	<i>Capparis flexuosa</i> L.	X	X		X	
Celastraceae	<i>Maytenus rígida</i> Mart.	X			X	X
	Celastraceae 1					
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp.					
Clusiaceae	<i>Clusia nemorosa</i> G. Mey.	X	X			
Combretaceae	<i>Buchenavia capitata</i> (Vahl) Eichler	X	X			
Convolvulaceae	<i>Ipomoea tubata</i> Ness.	X				
	<i>Ipomoea</i> sp.					
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum columbinum</i> Mart.	X	X			
	<i>Erythroxylum subglaucescens</i> Peyr.					
Euphorbiaceae	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	X	X			X
	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	X	X	X	X	X
	<i>Phyllanthus acuminatus</i> Vahl.	X				
	<i>Sapium</i> sp. 1					
	<i>Sapium</i> sp. 2					
	Euphorbiaceae 1					
Fabaceae	<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	X	X			
	<i>Machaerium angustifolium</i> Vogel	X	X			X
	<i>Myroxylon balsamum</i> (L.) Harms		X			
	<i>Andira</i> sp.					
Flacourtiaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	X	X			X
	<i>Casearia</i> cf. <i>mariquitensis</i> Humb.					
Lauraceae	<i>Ocotea duchei</i> Valtimo-Gil	X				
	<i>Ocotea</i> sp.					
	Lauraceae 1					
Loganiaceae	<i>Strychnos acuta</i> Prog.					
Lythraceae	<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koene	X	X			
Malpighiaceae	<i>Byrsonima gardneriana</i> Juss.	X				
	<i>Heteropterys aenea</i> Griseb.	X				
	Malpighiaceae 1					
Malvaceae	Malvaceae 1					
	Malvaceae 2					
Melastomataceae	<i>Miconia</i> sp.					
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	X	X			X
Mimosaceae	<i>Acacia paniculata</i> Willd.	X	X		X	
	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip	X	X		X	
	<i>Anadenanthera columbrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Von Altshul		X		X	X
	<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth) Benth.				X	X
	<i>Mimosa</i> sp.					
	<i>Acacia</i> sp.					
	<i>Inga</i> sp.					

TABELA 1 – Continuação.

Família	Espécie	MS	MA	AM	CA	CE
Moraceae	<i>Ficus cf. trigonata</i> Morac.					
	<i>Chlorophora</i> sp.					
Myrtaceae	<i>Eugenia florida</i> DC.		X	X		
	<i>Eugenia pleurantha</i> Berg.	X				
	<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.	X	X			
	<i>Myrcia cf. tomentosa</i> (Aubl.) DC.					
	<i>Myrcia sylvatica</i> (G. Mey) DC.	X				
	<i>Myrcia alagoensis</i> Berg.					
	<i>Eugeniopsis</i> sp.					
	<i>Myrcia</i> sp.					
	<i>Psidium</i> sp.					
	Myrtaceae 1					
	Myrtaceae 2					
	Myrtaceae 3					
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	X	X			X
Ochnaceae	<i>Ouratea subscandens</i> Engler					
Oleaceae	<i>Ximeria americana</i> L.				X	X
Polygalaceae	<i>Polygala albicans</i> A.W. Bennett					
Polygonaceae	<i>Ruprechtia</i> sp.					
Proteaceae	<i>Roupala</i> sp.					
Rhamnaceae	<i>Ziziphus</i> sp.					
Rubiaceae	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	X	X		X	
	<i>Randia nitida</i> (Kunth.) DC.	X				
	<i>Rudgea jasminoides</i> (Cham.) Müll. Arg.		X			
	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schtdl.) K. Schum.					X
Rutaceae	<i>Esenbeckia febrifuga</i> (A. St.-Hil.) A. Juss. ex Mart		X			X
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	X	X	X	X	X
	<i>Zanthoxylum cf. tenuiflorum</i> Engl.					
	<i>Zanthoxylum</i> sp.					
Sapindaceae	<i>Allophylus laevigatus</i> Radlk.					
	<i>Allophylus</i> sp.					
	<i>Cupania revoluta</i> Radlk.	X				X
	<i>Serjania comata</i> Radlk.	X				
Sapotaceae	<i>Manilkara rufula</i> (Miq.) Lam.	X				
Solanaceae	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	X			X	
	Solanaceae 1					
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.		X	X		X
	<i>Helicteres brevispira</i> A. St.-Hil.					X
Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	X				
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Juss.) Ruiz & Pav.	X				
	<i>Vitex rutescens</i> Juss.	X				
	Verbenaceae 1					
	Verbenaceae 2					
	Indeterminada 1					
	Indeterminada 2					
	Indeterminada 3					
Total		44	30	05	19	23

Para algumas das 14 outras matas serranas para as quais se têm dados disponíveis (ANDRADE-LIMA, 1960a; LYRA, 1982; MAYO e FEVEREIRO, 1982; FERREIRA e BATISTA, 1990; FIGUEIREDO e BARBOSA, 1990; PEREIRA *et al.*, 1993; OLIVEIRA, 1994; CORREIA, 1996; FERRAZ *et al.*, 1998; SALES *et al.*, 1998), foram citadas 44 das 66 espécies (67%) e 15 delas não foram incluídas nas listas das outras formações (Fig. 1). O número das espécies em comum com outras matas serranas subiria se fossem confirmadas as identificações de *Tabebuia impetignosa*, *Zanthoxylum tenuiflorum* e *Casearia mariquitensis*. Embora considerando que muitos dos levantamentos das matas serranas não foram exaustivos e que há problemas na identificação das espécies, parece que a similaridade florística entre estas matas é baixa, não chegando a 50% em nenhum dos casos (Tab. 2). O maior número de espécies em comum entre Jataúba e cada mata serrana tomada isoladamente foi apenas 20, 30% das 66 espécies completamente identificadas. Cada mata serrana constitui hoje um fragmento relictual do que outrora constituía um manto contínuo de floresta que, a exemplo das atuais florestas tropicais, deveria abrigar uma alta diversidade e uma baixa densidade de cada espécie. Após a fragmentação, ocorrida há cerca de 6000 anos (BIGARELLA *et al.*, 1975), cada uma dessas áreas ficou com um subconjunto de espécies, isolado em áreas de algumas centenas de hectares, com diferentes condições físicas e provavelmente, diferenças florísticas significativas.

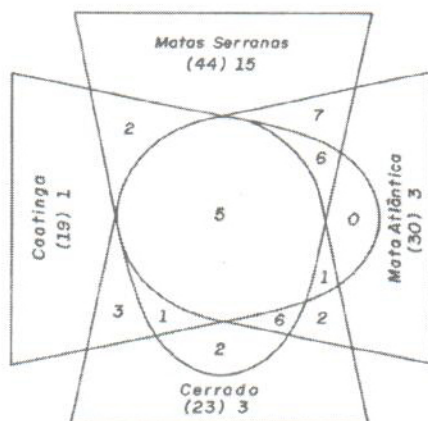


FIGURA 1 – Número de espécies da mata de Jataúba também presentes em quatro tipos de formações vegetais: 1) outras matas serranas do NE; 2) matas atlântica e mesófila semidecídua brasileira; 3) cerrado; 4) caatinga. As formações estão representadas por arcos que se sobrepõem e os números simples, em cada parte da figura, correspondem ao número de espécies presentes exclusivamente nas formações com áreas sobrepostas na parte da figura. Os números em parênteses correspondem ao total de espécies de Jataúba em cada formação e são a soma dos números de cada arco.

TABELA 2 – Espécies arbustivas e arbóreas de Jataúba citadas para 11 matas serranas de Pernambuco: 1) Brejo da Madre de Deus; 2) Triunfo; 3) Pesqueira; 4) Bonito; 5) Caruaru; 6) Buique; 7) Garanhuns; 8) Bezerros; 9) Taquaritinga; 10) Floresta; 11) São Vicente Ferrer; 12) Paraíba; 13) Areia; 14) de Alagoas; 13) Quebrangulo; e 1 do Ceará; 14) Baturité.

Familia	Espécie	Mata serrana													
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i>			X											
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea corallina</i>						X								
Bombacaceae	<i>Ceiba glaziovii</i>		X			X					X				
Boraginaceae	<i>Cordia sellowiana</i>	X		X		X			X						
	<i>Cordia trichotoma</i>		X												X
Cactaceae	<i>Brasiliopuntia brasiliensis</i>										X				
	<i>Pereskia aculeata</i>					X									
Caesalpinaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i>		X				X				X				
	<i>Cassia ferruginea</i>			X											X
	<i>Senna macranthera</i>	X		X	X	X		X		X					
	<i>Capparis flexuosa</i>		X					X			X				
Celastraceae	<i>Maytenus rigida</i>							X		X					
Clusiaceae	<i>Clusia nemorosa</i>			X	X		X								
	<i>Buchenavia capitata</i>	X		X			X	X			X				
Convolvulaceae	<i>Ipomoea tubata</i>	X													
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum columbinum</i>			X						X					
	<i>Croton floribundus</i>											X			
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i>										X				
	<i>Phyllanthus accuminatus</i>					X									
	<i>Dioclea violaceae</i>			X											
	<i>Machaenium angustifolium</i>													X	
Flacortiaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	X		X	X	X	X			X	X	X			
Lauraceae	<i>Ocotea duckei</i>		X				X			X					

TABELA 2 – Continuação.

Familia	Espécie	Mata serrana													
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Lythraceae	<i>Lafoesia glyptocarpa</i>						X								
Malpighiaceae	<i>Byrsonima gardneriana</i>						X								
	<i>Heteropterys aenea</i>												X		
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i>					X								X	
Mimosaceae	<i>Acacia paniculata</i>		X												
	<i>Albizia polycephala</i>							X		X					
Myrtaceae	<i>Eugenia pleurantha</i>									X					
	<i>Myrcia fallax</i>		X	X		X			X		X				
	<i>Myrcia sylvatica</i>	X	X	X	X	X						X	X		
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>		X	X		X					X				X
Rubiaceae	<i>Coutarea hexandra</i>	X		X		X			X		X				X
	<i>Randia nitida</i>			X	X				X		X				
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>										X				X
Sapindaceae	<i>Cupania revoluta</i>	X		X		X	X		X				X		
	<i>Serjania comata</i>	X				X	X		X		X				
Sapotaceae	<i>Manilkara rutula</i>			X			X				X				X
Solanaceae	<i>Brunfelsia uniflora</i>	X	X	X	X	X					X	X			X
Urticaceae	<i>Urera baccifera</i>			X							X				
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i>		X												
	<i>Vitex rufescens</i>			X							X				
Total		10	11	20	8	13	14	3	6	4	20	4	5	1	7

Trinta espécies foram comuns a Jataúba e a outras formações de mata atlântica ou mata semidecídua do sudeste brasileiro (Fig. 1), sendo que três (*Croton floribundus*, *Esenbeckia febrifuga* e *Rudgea jasminoides*) haviam sido referidas apenas para as matas da região Sudeste e/ou Sul, incluindo as matas mesófilas de São Paulo (CAVASSAN *et al.*, 1984; CESAR e LEITÃO FILHO, 1990; KOTCHETKOFF-HENRIQUES e JOLY, 1994; SIQUEIRA, 1994) não sendo citadas para a mata atlântica do Nordeste. Condições climáticas mais semelhantes a algumas áreas da região sudeste, principalmente temperaturas amenas, podem ser responsáveis pela presença dessas espécies nas matas serranas, embora não ocorram na mata atlântica costeira do Nordeste. É possível, porém, que a não referência dessas espécies para o Nordeste deva-se ao baixo número de trabalhos realizados. Duas das 30 espécies em comum com

a mata atlântica, não foram citadas para as outras formações (*Myroxylon balsamum* e *Rudgea jasminoides*), incluindo as outras matas serranas e outra (*Eugenia florida*) foi citada apenas para a floresta amazônica. Com esta floresta, as espécies em comum foram apenas 5 e todas também citadas para a mata atlântica (razão da exclusão da floresta amazônica da Fig. 1). As outras 27 espécies foram também citadas para alguma outra formação, sendo 7 só para as matas serranas. As 20 espécies restantes parecem ser de distribuição ampla, aparecendo no cerrado e/ou na caatinga e 2 delas foram registradas em todas as formações, até na floresta amazônica (*Maprounea guyanensis* e *Zanthoxylum rhoifolium*).

A ausência de famílias como Myristicaceae, Arecaceae, Lecythidaceae, Annonaceae, Burseraceae, Elaeocarpaceae, Violaceae e Vochysiaceae, além da baixa representatividade das famílias Moraceae e Meliaceae, marcaram significativas diferenças com a flora encontrada em florestas úmidas neotropicais (GUEDES, 1992; LEITÃO FILHO, 1993; SIQUEIRA, 1994; BARBOSA, 1996), principalmente com a floresta amazônica (SALOMÃO e LISBOA, 1988; CAMPBELL *et al.*, 1992; RANKIN-DE-MÉRONA *et al.*, 1992). Estas famílias também estiveram ausentes ou pouco representadas nas listas das outras matas serranas de Pernambuco mas, dada a situação de coleta atual, seria prematuro afirmar que esta é uma diferença característica das matas serranas nordestinas. Quatro das nove famílias mais ricas em espécies (Myrtaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae e Rutaceae) são muito citadas entre as de maiores riquezas para as matas mesófilas de São Paulo (CAVASSAN *et al.*, 1984; CESAR e LEITÃO FILHO, 1990; LEITÃO FILHO, 1993). A família Myrtaceae, mais representativa em número de espécies, foi apontada por PEIXOTO e GENTRY (1990) como uma daquelas com maior número de espécies nas florestas costeiras do Brasil. Os dados disponíveis para os brejos pernambucanos têm revelado a família como uma das mais ricas em espécies (LYRA, 1982; FERRAZ *et al.*, 1998).

A área estudada está completamente circundada pela caatinga e muitas de suas espécies apresentaram caducifolia mas a semelhança com a flora da caatinga foi baixa, provavelmente devido às grandes diferenças climáticas. Apenas 19 espécies de Jataúba foram em comum com as listas de caatinga (Fig. 1), uma só não foi citada para as outras formações (*Ptilosocereus gounellei*) e duas outras foram citadas só para outras matas serranas (*Cassia ferruginea* e *Brunfelsia uniflora*). Muitas das outras espécies são frequentes em áreas de caatinga (*Anadenanthera colubrina*) mas são encontradas em outras formações e três foram também listadas para matas serranas e atlântica e para cerrado (*Senna macranthera*, *S. spectabilis* e *Caesalpinia ferrea*). Em nível de família, Mimosaceae, Caesalpiniaceae e Euphorbiaceae, que aparecem entre as 10 famílias mais ricas em espécies, acham-se bem representadas na caatinga. (RODAL, 1984, 1992). A ausência da família Anacardiaceae, bastante representativa nesta outra fitocenose, pode ser apontada como um diferença significativa, embora espécies desta família tenham sido registradas em outras matas serranas.

A semelhança da flora de Jataúba com a de cerrado (23 espécies em comum, 38%) foi maior que com a da caatinga circundante, embora não tenham

sido reportadas áreas de cerrado num raio de centenas de quilômetros. Três destas espécies (*Aspidosperma multiflorum*, *Helicteres brevispira* e *Tocoyena formosa*) não foram encontradas nas listas das matas serranas e das outras formações e duas (*Arrabidaea corallina* e *Cupanea revoluta*) foram encontradas apenas em outras matas serranas. Não há uma explicação clara para esta semelhança dentro das proposições de flutuações passadas da cobertura vegetal e não se pode descartar a possibilidade de que um maior conhecimento da flora regional venha a modificar o panorama traçado por estas comparações florísticas.

RESUMO

Realizou-se o levantamento florístico da vegetação lenhosa de uma mata serrana semidecídua em Jataúba, Pernambuco. A lista florística foi comparada com as de trabalhos realizados nas matas serranas do Nordeste brasileiro, na mata atlântica costeira, no cerrado, na caatinga e na Amazônia, incluindo "checklists" de herbários, monografias, dissertações e teses. Um total de 109 espécies foram encontradas em Jataúba mas 43 não foram identificadas até espécie. Nove espécies não foram incluídas nas listas florísticas de outras matas serranas ou das outras formações. Nestas outras matas serranas, foram registradas 44 das espécies e 15 delas não foram registradas nas outras formações. A semelhança com qualquer mata serrana isoladamente foi baixa, com no máximo 20 espécies em comum. A semelhança com a mata atlântica (30 espécies comuns) foi maior que com a caatinga circundante que teve um menor número de espécies em comum (19) que o cerrado (23), apesar de não haver áreas de cerrado nas proximidades. A semelhança com a floresta amazônica foi baixa e todas as 5 espécies em comum também ocorreram na mata atlântica. As famílias com maior número de espécies foram Myrtaceae (12), Mimosaceae (8), Bignoniaceae, Caesalpiniaceae e Euphorbiaceae (6), Fabaceae, Rubiaceae, Sapindaceae e Verbenaceae (4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A.N. 1988 – O pantanal mato-grossense e a teoria dos refúgios. *Revista Brasileira de Geografia* 50(2): 9-57.
- ANDRADE, G.O. e LINS, R.C. 1964 – Introdução ao estudo dos "brejos" pernambucanos. *UR. ICT. Arquivos* 2: 21-35.
- ANDRADE-LIMA, D. 1960a – Esboço fitoecológico de alguns brejos de Pernambuco. *Boletim Técnico do Instituto de Pesquisas Agronômicas – IPA* 8: 3-10.
- ANDRADE-LIMA, D. 1960b – Estudos fitogeográficos de Pernambuco. *Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas – IPA* 5: 305-341.
- ANDRADE-LIMA, D. 1960c – Tipos de floresta de Pernambuco. *Anais da Associação dos Geógrafos do Brasil* 12: 69-85.
- ANDRADE-LIMA, D. 1982 – Present-day forest refuges in northeastern Brazil; pp. 245-251. In: PRANCE, G.T. (ed.), *Biological diversification in the tropics*. Plenum Press, New York.
- ANDRADE-LIMA, D. 1993 – *Nos domínios das caatingas*. Instituto de Ecologia Humana, UFRPE, Recife.
- ARAÚJO, F.S. 1992 – *Composição florística e fitossociologia da vegetação de carrasco de Novo Oriente-CE*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 178 p.

- BARBOSA, M.R.V. 1996 – **Estudo florístico e fitossociológico da mata do Buraquinho, remanescente de Mata Atlântica em João Pessoa-PB**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas. 135 p.
- BARBOSA, M.R.V., MAYO, S.J., CASTRO, A.A.J.F., FREITAS, G.L., PEREIRA, M.S., GADELHA-NETO, P.C. e MOREIRA, H.M. 1996 – Checklist preliminar das angiospermas; pp. 253-415. In: SAMPAIO, E.V.S.B., MAYO, S.J. e BARBOSA, M.R.V. (eds.), **Pesquisa botânica nordestina: progresso e perspectivas**. Sociedade Botânica do Brasil, Seção Regional de Pernambuco, Recife.
- BIGARELLA, J.J., ANDRÁDE-LIMA, D. e RIEHS, P.J. 1975 – Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 47(supl.): 412-464.
- CAMPBELL, D.G., STONE, J.L. e ROSAS JR., A. 1992 – A comparison of the phytosociology and dynamics of three floodplain (várzea) forests of known ages, Rio Juruá, western Brazilian Amazon. *Bot. J. Linnean Soc.* 108: 213-237.
- CASTRO, A.A.J.F. 1994 – **Comparação florístico geográfica (Brasil) e fitossociológica (Piauí-São Paulo) de amostras de Cerrado**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Campinas. 520 p.
- CAVASSAN, O., CÉSAR, O. e MARTINS, F.R. 1984 – Fitossociologia da vegetação arbórea da reserva estadual de Bauru, estado de São Paulo. *Rev. bras. Bot.* 7(2): 91-106.
- CÉSAR, O. e LEITÃO-FILHO, H.F. 1990 – Estudo florístico quantitativo de mata mesófila semidecídua na fazenda Barreiro Rico, município de Anhembi, SP. *Rev. bras. Bot.* 50(1): 133-147.
- CORREIA, M.S. 1996 – **Estrutura da vegetação de uma mata serrana na Serra de Ororubá, Pesqueira-PE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 89 p.
- FERRAZ, E.M.N., RODAL, M.J.N., SAMPAIO, E.V.S.B. e PEREIRA, R.C.A. 1998 – Composição florística em trechos de vegetação de caatinga e brejo de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco. *Rev. bras. Bot.* 21(1): 7-15.
- FERREIRA, R.L.C. e BATISTA, A.C. 1990 – **Análise estrutural da mata da reserva biológica de Pedra Talhada – AL**; pp. 474-568. In: Anais do 6º. Congresso Florestal Brasileiro, Campos do Jordão.
- FIGUEIREDO, M.A. e BARBOZA, M.A. 1990 – **A vegetação e a flora da Serra de Baturité-Ceará**. Coleção Mossoroense, série B, nº 747. ESAM, Mossoró. 44 p.
- GOMES, M.A.F. 1979 – **Padrões de caatinga nos Cariris Velhos, Paraíba**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 88 p.
- GUEDES, M.L.S. 1992 – **Estudo florístico e fitossociológico de um trecho da Reserva Ecológica da Mata de Dois Irmãos, Recife-PE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 219 p.
- KOTCHETKOFF-HENRIQUES, O. e JOLY, C.A. 1994 – Estudo florístico e fitossociológico em uma mata mesófila semidecídua da Serra do Itaqueri, Itirapina, Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Biologia* 54(3): 477-487.
- LEITÃO-FILHO, H.F. (coord.) 1993 – **Ecologia da Mata Atlântica em Cubatão (SP)**. Ed. UNESP/UNICAMP, Campinas.
- LYRA, A.L.R.T. 1982 – **A condição de “brejo”, efeito do relevo na vegetação de duas áreas do Município de Brejo de Madre de Deus-PE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 105 p.
- MAYO, S.J. e FEVEREIRO, V.P.B. 1982 – **Mata do Pau Ferro: a pilot study of the brejo forest of Paraíba, Brazil**. Royal Botanic Gardens, Kew, London. 29 p.

- MOURA, F.B.P. 1997 – **Fitossociologia de uma mata serrana semidecídua no brejo de Jataúba, Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 59 p.
- OLIVEIRA, M.E.A., SAMPAIO, E.V.S.B., CASTRO, A.A.J.F., FERNANDES, A.G. e RODAL, M.J.N. 1997 – Flora e fitossociologia de uma área de transição carrasco-caatinga de areia em Padre Marcos, PI. *Naturalia* 22: 131-150.
- OLIVEIRA, M.L.R. 1994 – **Composição florística e análise fitossociológica de uma área de mata úmida na Serra do Baturité-CE**. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- PAGANO, S.N., LEITÃO-FILHO, H.F. e SHEPHERD, G.J. 1987 – Estudo fitossociológico em mata mesófila semidecídua no Município de Rio Claro (Estado de São Paulo). *Rev. bras. Bot.* 10(1): 49-61.
- PEIXOTO, A.L. 1991-1992 – Vegetação da costa Atlântica; pp. 33-41. *In: Floresta Atlântica*. Edições Alumentamento, Rio de Janeiro.
- PEIXOTO, A.L. e GENTRY, A.H. 1990 – Diversidade e composição florística da mata de tabuleiro na reserva florestal de Linhares (Espírito Santo, Brasil). *Rev. bras. Bot.* 13(1): 19-25.
- PEREIRA, R.C.A., LIMA, V.S., SILVA, R.S. e SILVA, S.Z. 1993 – **Lista das espécies arbóreas e arbustivas ocorrentes nos principais “Brejos” de altitude de Pernambuco**. Documentos 22, Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária – IPA, Recife. 26 p.
- RANKIN-DE-MÉRONA, J.M., PRANCE, G.T., HUTCHINGS, R.W., SILVA, M.F., RODRIGUES, W.A. e UEHLING, M.E. 1992 – Preliminary results of a large-scale tree inventory of upland rain forest in the central Amazon. *Acta Amazonica* 22(4): 493-534.
- RODAL, M.J.N. 1984 – **Fitoecologia de uma área do médio vale do Moxotó, Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 132 p.
- RODAL, M.J.N. 1992 – **Fitossociologia da vegetação arbustivo-arbórea em quatro áreas de caatinga em Pernambuco**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas. 198 p.
- SALES, M.F., MAYO, S.J. e RODAL, M.J.N. 1998 – **Plantas vasculares das florestas serranas de Pernambuco**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 130 p.
- SALOMÃO, R.P. e LISBOA, P.L.B. 1988 – Análise ecológica da vegetação de uma floresta pluvial tropical de terra firme, Rondônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.*, 4(2): 195-234.
- SIQUEIRA, M.I. 1994 – **Análise florística e ordenação de espécies da mata atlântica através de dados binários**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas, Campinas. 143 p.
- SILVA, M.F.F. e ROSA, N.A. 1989 – Análise do estrato arbóreo da vegetação sobre jazidas de cobre na Serra dos Carajás. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.*, 5(2): 175-207.
- SILVA, S.G.D. e CAVALCANTI, E.R. 1988 – Características edáficas do brejo da Serra dos Cavalos, Caruaru, PE; pp. 463-477. *In: Anais do 9º. Encontro Nacional de Geografia Agrária, Florianópolis*.
- VASCONCELOS SOBRINHO, J. (ed.) 1971 – **As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização**. CONDEPE, Recife
- WEBB, K.E. 1979 – **A face cambiante do Nordeste do Brasil**. APEC – Banco do Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro. 310 p.